

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº185 MAIO - PORTO VELHO, 2005.
Volume XIII Maio/Agosto

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

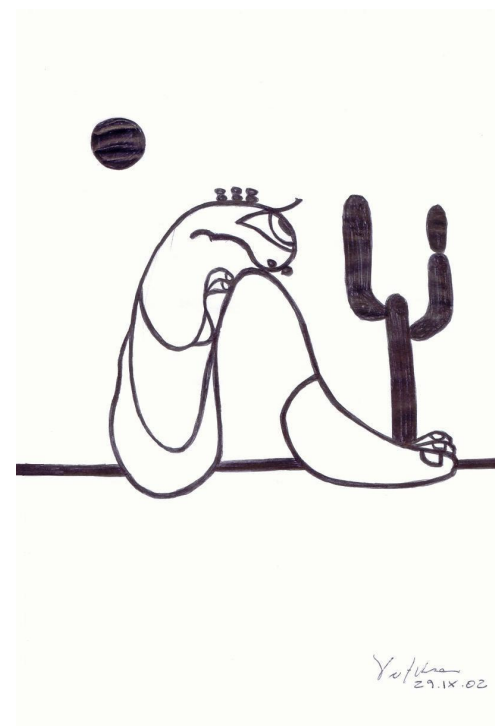
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

185



A PROFECIA DE MCLUHAN FALHOU

ENTREVISTA/ ROGER CHARTIER



ENTREVISTA/ ROGER CHARTIER

JB ONLINE - Sábado, 24 de outubro de 1998

Professor e consultor nas universidades americanas de Yale, Princeton e Berkeley, o francês Roger Chartier tem idéias precisas a respeito de temas como o futuro do livro e a revolução provocada pelo texto eletrônico. Um dos grandes nomes da história cultural, ele veio ao Brasil nesta semana para lançar o livro História da literatura ocidental, antologia organizada em colaboração com italiano Guglielmo Cavallo (publicado pela editora Ática). Aqui, Chartier fez conferências no Rio - na UFF e na UERJ -, em Salvador, Belo Horizonte e Campinas, onde participou do congresso da Associação de História da Leitura, na Unicamp. Para Chartier, "o século 21 verá a convivência entre as três formas de textos: o manuscrito, o impresso e o eletrônico". As previsões sombrias a respeito do desaparecimento da cultura escrita para ele não têm fundamento: "A idéia de uma substituição do mundo textual dos livros pelo mundo eletrônico das imagens não corresponde à situação atual. A profecia de McLuhan falhou".

- O livro História da leitura no mundo ocidental faz referências a hábitos e formas de leitura que teriam desaparecido. O senhor poderia dar algum exemplo?

- Essa é necessariamente uma história dos vestígios, das maneiras físicas de ler, dos espaços de leitura e das circunstâncias de leitura. Um tema que atravessa o livro é a oposição entre a leitura em voz alta e a leitura silenciosa. Nas sociedades européias da Idade Média há a reconquista da prática da leitura silenciosa que havia se perdido desde a queda do Império Romano. Ler silenciosamente, como fazemos geralmente hoje, permite essa relação íntima e individualizada entre o livro e o leitor. Mas há duas maneiras de considerar a leitura em voz alta. Há os que precisam oralizar para compreender. Nas sociedades contemporâneas esta é uma das maneiras de identificar os analfabetos: estes não são só os que não sabem ler e escrever, mas também os que precisam oralizar o texto para compreendê-lo.

- A leitura silenciosa teria sua origem na Grécia antiga?

- Não devemos pensar em termos de uma continuidade entre a Antiguidade e a Idade Média porque há uma ruptura fundamental com a queda do Império Romano. A trajetória do mundo grego e romano não se repete depois. Estudos recentes mostram que na Antiguidade a capacidade para a leitura silenciosa existia. Mas a leitura em voz alta não vinha da necessidade de compreender, mas de uma outra concepção do texto. A leitura era um ato coletivo, compartilhado. Havia na literatura latina uma forma de leitura que respeitava a oralidade. Já a leitura em voz alta da Idade Média vinha da dificuldade de compreender um texto, em

particular porque os textos latinos vinham em escrita contínua, sem nenhuma separação entre as palavras ou pontuação. Ler em voz alta corresponde a uma série de necessidades diferentes. No mundo contemporâneo, a leitura em voz alta sobrevive nas universidades, nas igrejas, nos tribunais e, na relação entre adultos e crianças. O que desapareceu foi a leitura em voz alta como forma de sociabilidade, como intercâmbio cultural.

- A passagem do livro à tela do computador seria uma revolução comparável à substituição dos rolos da antiguidade pelo códex ou códice, o livro de páginas costuradas que conhecemos hoje?

- Gutenberg também inventou uma nova técnica para produzir textos e reproduzir livros. Mas não mudou a forma, o suporte. O livro manuscrito e o impresso eram idênticos: objetos constituídos de folhas dobradas e encadernadas. Há uma estrutura fundamental do livro que não muda nessa passagem. Mas hoje o que muda é a estrutura mesma do texto que passa ser lido num novo objeto.

- Qual seria o futuro do objeto livro?

- A dificuldade de entender o presente tem gerado algumas inquietações, temores e obsessões. Uma delas diz respeito ao medo do desaparecimento do livro e em relação ao processo da leitura. Uma análise mais cuidadosa mostra que a revolução eletrônica não fará desaparecer os textos. A profecia de McLuhan a respeito de uma substituição do mundo textual dos livros pelo mundo eletrônico das imagens não corresponde à situação atual. O que se vê nas telas dos computadores são fundamentalmente textos. Não há porque acreditar no desaparecimento da cultura escrita. Houve apenas uma mudança na sua produção e transmissão. O século 21 verá a convivência entre as três formas de textos: o manuscrito, o impresso e o eletrônico. Há uma relação entre certos gêneros de textos e a forma como esperamos lê-los. Seria difícil nos habituarmos a ler poesia, por exemplo, no texto eletrônico. A relação com a poesia supõe uma proximidade física entre o texto impresso e o leitor. Para os textos técnicos, o banco de dados se impõe como a forma mais apropriada. São dois exemplos extremos: o poema e o documento. Nos próximos anos, a cultura escrita vai se organizar, distribuindo seus gêneros pelos vários suportes de acordo com nossas concepções destes gêneros.

- Sua visão, então, não é pessimista?

- Não há porque fazer um diagnóstico sombrio. Ao contrário, o mundo dos textos eletrônicos pode ajudar a alfabetização e a difusão da leitura. É preciso evitar tanto uma visão absolutamente otimista quanto uma postura melancólica em relação a estes novos meios.

- A imagem de uma biblioteca universal já ocupou a imaginação de alguns escritores. A informatização pode tornar este mito realidade?

- A Biblioteca de Babel imaginada por Borges não apenas conteria todos os livros já escritos, mas também os que poderiam ser escritos a partir de todas as combinações entre as letras do alfabeto. Ela é uma figura tradicional na cultura ocidental. A Biblioteca de Alexandria na antigüidade helenística se propunha a ter todos os livros já escritos. Quando um barco entrava no porto de Alexandria tinha seus livros confiscados e copiados. As cópias eram entregues aos proprietários e os originais confiscados para a biblioteca. Tanto na Biblioteca de Babel quanto na de Alexandria há essa intenção de abarcar a universalidade do saber. Com as novas tecnologias esse sonho é pensável, não quero dizer que seja possível, porque há limitações de todo tipo. Mas teoricamente é admissível. Essa possibilidade, no entanto, gera um temor, o do excesso causado por uma proliferação textual que se tornaria incontrolável. No passado, paralelamente ao desejo da universalidade, já havia este temor do excesso de livros.

- O que simbolizam as novas super-bibliotecas, como a recentemente inauguradas em Paris?

- Há um vínculo tradicional, particularmente na França, entre uma forma de demonstração do poder e a biblioteca, desde a monarquia até a república, a Biblioteca Nacional era um dos edifícios simbólicos da identidade do poder que se apóia no patrimônio escrito. A nova Biblioteca François Mitterrand é uma demonstração forte do vínculo entre o livro e o poder. Há algo de paradoxal no projeto dessas bibliotecas enormes - monumentos de considerável força simbólica - justamente no momento da comunicação eletrônica, que prescinde de qualquer biblioteca. A biblioteca deve ter duas funções no mundo contemporâneo: participar da invenção e da relação com o texto eletrônico. A biblioteca começou a converter parte das suas coleções em textos que podem ser acessados à distância. Mas uma biblioteca deve ser também o lugar onde podem ser encontrados os textos nas suas formas originais. Não é a mesma coisa ler o texto de D. Quixote num CD-Rom e na sua primeira edição de 1605. Manusear o livro é reconstruir a experiência dos leitores do passado. A forma do texto sempre participa da produção do seu sentido. Seria uma perda enorme pensar que, só porque os textos do passado são acessíveis através de uma tela, poderíamos nos afastar e até destruímos esses suportes mais efêmeros. Não falo apenas da primeira edição de D. Quixote, mas também de revistas e panfletos. A segunda grande missão da biblioteca contemporânea é, portanto, preservar estes textos na sua forma original. Ela deve desempenhar esse duplo papel: de inovação e de conservação. Não deve ser uma necrópole dos livros, nem uma biblioteca sem livros, que era, a princípio, o projeto original de Jacques Atalli para a Biblioteca François Mitterrand.

VITRINE

A RAZÃO GULOSA: Filosofia do Gosto

MICHEL ONFRAY
Rocco

RESUMO: O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

SUMÁRIO: Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

Áreas de interesse: Filosofia, Gastronomia, Hedonismo.

Palavras-chave: Filosofia, Culinária, nutrição, Comportamento Humana

LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science& Technology Consortium
www.istec.org

Educação no exterior
www.fastweb.com

Línguas
www.weblinguas.com

downloads
www.downloads.com

www.superdownloads.com.br

www.tucows.com

www.zdnet.com/downloads

Arte
www.mundodaarte.com.br

Picasso
www.clubinternet.com/picasso

Literatura de Cordel
www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html